



CARLOS VINÍCIUS SILVA

**AS DIVERSAS PERMUTAÇÕES SINTÁTICAS
EXISTENTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE**

LAVRAS-MG

2021

CARLOS VINÍCIUS SILVA

**AS DIVERSAS PERMUTAÇÕES SINTÁTICAS EXISTENTES NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciatura.

Profa. Márcia Fonseca de Amorim

Orientadora

LAVRAS-MG

2021

AGRADECIMENTOS

O caminho trilhado durante os anos de curso de graduação em Letras foi bastante duro, principalmente durante a fase final, que coincidiu com o início da pandemia da COVID-19, e, diante de todos os desafios que enfrentei durante esses anos, tenho a necessidade de agradecer as pessoas que colaboraram para que eu conseguisse alcançar meus objetivos. Nesse sentido, devo começar meus agradecimentos com meus pais, que foram as pessoas que tornaram possível meu ingresso no ensino superior e me incentivaram incessantemente durante todo o curso. Em segundo lugar, direciono imensa gratidão aos professores do Departamento de Educação com os quais tive aulas e a todos os professores do Departamento de Estudos da Linguagem da UFLA, especialmente à professora Márcia Fonseca de Amorim, que me apresentou às áreas da linguística que mais me encantaram, me orientou durante a confecção do presente trabalho de conclusão de curso e por quem tenho imenso carinho, apesar do curto período de contato. Por fim, agradeço à minha namorada, Gisela Márcia Miarelli Pardini, que tanto me ajudou durante todo o curso, tanto em disciplinas e artigos quanto emocionalmente, e a todos os amigos, interiores e exteriores à universidade, que me ouviram, aconselharam e ajudaram em momentos de dificuldade. Sem as pessoas acima mencionadas, eu jamais conseguiria chegar ao fim do curso, e, por isso, devo a elas toda a minha gratidão.

“A alma pode ter seus prazeres particulares, porém, a respeito dos que são comuns a ela e ao corpo, dependem totalmente das paixões, de maneira que as pessoas que elas podem emocionar mais são capazes de usufruir mais doçura nesta vida.”

(René Descartes – As Paixões da Alma)

RESUMO

O presente texto propõe uma breve reflexão sobre a teoria e a metodologia de trabalho gerativistas, com base em aspectos das ideias de Chomsky (1999; 2008; 2009a; 2009b, 2014) e Berwick e Chomsky (2017), e relacionando-os a algumas ideias de Silva e Pardini (2020a; 2020b), de modo a buscar contribuir com ideias para a construção teórica chomskyana, ao introduzir uma possibilidade de análise sintática a partir de novos componentes da oração e uma ferramenta de análise sintática que traz para a linguística aspectos da geometria que, se, futuramente, se provarem válidas, podem vir a colaborar para o entendimento do funcionamento da linguagem. Para isso, inicialmente, serão apresentados os conceitos de Faculdade da Linguagem, Gramática Universal, Língua-I, Língua-E, Parâmetros, Princípios, Estrutura Superficial e Estrutura Profunda, que são partes importantes do gerativismo, e esses conceitos já consolidados serão, logo em seguida, correlacionados às hipóteses, ainda em estágio de desenvolvimento bastante inicial, de Silva e Pardini, pautadas nas ideias de Referente, Evento, Localizador Temporal e Localizador Espacial (que são consideradas, pelos autores, elementos essenciais para a existência de uma oração), e de Qualificadores, que modificam os quatro elementos mencionados anteriormente, e em um mecanismo de análise de orações formado por quatro eixos sintáticos (Hierárquico, Composicional, Sintagmático e Temporal), em vez de apenas os dois amplamente usados na linguística (Sintagmático e Paradigmático).

A partir disso, levantar-se-ão ideias a respeito de quais e quantas são as permutações sintáticas possíveis no português brasileiro, e, por meio de uma análise sobre as estruturas de língua em questão, se chegará à ideia de que o número total de permutações viáveis a uma oração pode ser igual ao fatorial do número de elementos funcionais básicos que compõem a oração de acordo com a hipótese de Silva e Pardini (2020b), ou seja, quatro (um Referente, um Evento, um Localizador Temporal e um Localizador Espacial), somado ao número de qualificadores associados a tais elementos básicos, subtraindo os resultados que não são culturalmente aceitos, e, em um movimento inverso, ver-se-á a possibilidade de que cada configuração que surgir dessa fórmula talvez faça-se uma organização válida dentro do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Eixos Linguísticos. Linguística Gerativa. Permutações Sintáticas.

ABSTRACT

This text proposes a brief reflection on the theory and methodology of generativist work, based on aspects of the ideas of Chomsky (1999; 2008; 2009a; 2009b, 2014) and Berwick and Chomsky (2017), and relating them to some ideas by Silva and Pardini (2020a; 2020b), in order to seek to contribute with ideas for the Chomskyan theoretical construction, by introducing a possibility of syntactic analysis from new components of the sentence and a syntactic analysis tool that brings to linguistic some aspects of geometry that, if, in the future, prove valid, may collaborate to understand the functioning of language. For that, initially, the concepts of Faculty of Language, Universal Grammar, I-Language, E-Language, Parameters, Principles, Superficial Structure and Deep Structure, which are important parts of generativism, will be presented, and these concepts already consolidated will be correlated to the hypotheses, still in a very early stage of development, by Silva and Pardini, based on the ideas of Referent, Event, Temporal Locator and Spatial Locator (which are considered, by the authors, essential elements for the existence of a sentence) , and Qualifiers, which modify the four elements mentioned above, and in a sentence analysis mechanism formed by four syntactic axes (Hierarchical, Compositional, Symptomatic and Temporal), instead of just the two widely axes used in linguistics (Symptomatic and Paradigmatic).

From this, some ideas will be raised about which and how many are the possible syntactic permutations in Brazilian Portuguese, and, through an analysis of the language structures in question, will be arrived of the total number of feasible permutations to a sentence could be equal to the factorial of the number of basic functional elements that make up the sentence according to the hypothesis of Silva and Pardini (2020b), that is four (a Referent, an Event, a Temporal Locator and a Locator Spatial), added to the number of qualifiers associated with such basic elements, but subtracting the results that are not culturally accepted, and, in an inverse movement, we will see the possibility that each configuration that emerges from this formula may become a valid organization within Brazilian Portuguese.

Keywords: Linguistic Axis. Generative Linguistics. Syntactic Permutations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO	2
3 DISCUSSÃO	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1. INTRODUÇÃO

A linguagem verbal humana talvez seja, ainda hoje, um dos objetos de estudo mais controversos abordados pela ciência, e isso se deve ao fato de, salvo em situações excepcionais, ela ter surgido e ser adquirida de forma natural, e estar presente em cada momento da vida de um indivíduo humano, e, mesmo assim, estar longe de ser plenamente compreensível por parte da nossa espécie, se é que existe a possibilidade de pleno entendimento dessa habilidade.

Nesse sentido, grande parte do mistério presente na linguagem do *homo sapiens* está na sua heterogeneidade, que caracteriza a existência dos mais diversos idiomas falados, e até na falta de uniformidade interna desses idiomas, que leva aos dialetos e, se levada ao extremo, à compreensão de um número de línguas exatamente igual ao número de pessoas que, neste momento, se comunicam verbalmente. Porém, existe a questão social por trás dessas línguas, e ela as determina como fenômenos coletivos que podemos chamar pelos nomes de “Português”, “Inglês”, “Espanhol”, “Mandarim”, “Panjabi”, “Aparáí”, “Inuíte” etc.

Frente a isso, tendo em vista a evidente importância dos idiomas para a vida em sociedade, torna-se importante reconhecer a riqueza neles incumbida, e, reconhecendo essa importância, Noam Chomsky, um dos mais importantes intelectuais vivos e pai da linguística gerativista, levanta a hipótese de que todas as línguas podem ser muito mais parecidas do que a intuição evidencia e, com isso, supõe a existência de uma Gramática Universal (GU) inata, ou seja, uma predisposição genética à língua que carrega um alicerce linguístico que possibilita o aprendizado de qualquer língua por qualquer indivíduo. A partir dessa primeira ideia, o linguista estadunidense cria a teoria dos princípios universais e dos parâmetros particulares, que diz que todas as línguas compartilham características comuns e são diferenciadas umas das outras por outras características.

Essa construção, assim como os trabalhos que dela surgiram, teve imensa importância para os estudos linguísticos da segunda metade do século XX, e continua a ter grande relevância até os dias de hoje, sendo criticada, como acontece com toda corrente teórica existente, porém, merecidamente reconhecida como importante por outras teorias linguísticas de surgimento mais recente, teorias estas que, inclusive, herdaram e abertamente fazem uso de conceitos e problematizações gerativistas.

A partir da complexidade da linguagem humana mencionada anteriormente e da inegável relevância da teoria gerativista, inaugurada por Chomsky, presente trabalho tem por objetivo contribuir, com ideias e reflexões, para as discussões gerativistas, ao ponto que busca (1) discutir hipóteses sobre questões básicas para o funcionamento da linguagem humana, partindo de reflexões já feitas por Chomsky, (2) propor a reflexão sobre uma fórmula que represente quantas e quais são as permutações sintáticas possíveis em uma língua humana específica em uma forma simplificada, e (3) trazer a hipótese de que, talvez, um modelo de análise sintática tetradimensional possa contribuir para o entendimento e a representação das permutações sintáticas de uma língua humana específica, e todas essas ideias terão como foco de análise a língua portuguesa brasileira, apesar de, em momentos específicos, resgatar exemplos em língua inglesa trazidos por Chomsky.

Durante esse processo, serão utilizadas, como forma de acesso à teoria gerativista, as ideias de Chomsky (1999; 2008; 2009a; 2009b; 2014), Chomsky e Berwick (2017) e de simplificações conceituais elaboradas pelo estudioso do gerativismo Kenedy (2013). Ademais, como recursos para apresentação de sugestões teóricas ao gerativismo, serão utilizados textos e ideias recentes, e ainda em construção, de Silva e Pardini (2020a; 2020b), que trazem aspectos que podem vir a ser úteis à abordagem da sintaxe de diversas línguas, mas, especialmente, do Português Brasileiro.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Para referenciar teoricamente este texto, antes de qualquer outra coisa, faz-se pertinente destacar a seguinte construção de Chomsky,

Dizer que “a linguagem não é inata” é dizer que não há nenhuma diferença entre minha neta, uma pedra e uma lebre. Em outras palavras, se você pega uma pedra, uma lebre e a minha neta e as coloca numa comunidade em que se fala inglês, as três vão aprender inglês. Se as pessoas acreditam nisso, então acreditam que a linguagem não é inata. Se elas acreditam que há diferença entre a minha neta, uma pedra e uma lebre, então acreditam que a linguagem é inata. [...] Dizer que “a linguagem é inata” é expressar a crença de que alguma natureza interna crucial e pertinente diferencia a minha neta de pedras, abelhas, gatos e chipanzés. [...] Na compreensão atual, ela é uma expressão dos genes que de alguma forma propicia uma faculdade de linguagem bem como, por exemplo, um osso do ouvido interno bem

posicionado – nesse caso, para os camundongos igualmente. [...] A afirmação informal de que a linguagem é inata aos humanos quer dizer algo parecido com isso. De modo similar, dizemos que braços são inatos aos humanos e asas o são aos pássaros. (CHOMSKY, 2008, p. 67-8)

Essa concepção é muito importante, pois é a partir dela que podemos levantar hipóteses, mais adiante, sobre o que é essencial, ou inato, para que a linguagem seja possível e, com isso, refletir sobre o que se pode fazer sintaticamente com a linguagem humana de modo geral, e, por conseguinte, com idiomas específicos, incluindo, é claro, o Português.

Ademais, para o presente texto, são relevantes conceitos fundamentais da teoria gerativista, ou transformacional, e, para apresentar inicialmente alguns desses conceitos, cabe a seguinte formulação:

A investigação linguística é individualista: pretende-se estudar os aspectos da mente do Manuel, da Maria, da Alexandra, da Clara (ou do Yuri, do Sven, do Jones, do Wang, ...) que têm a ver com a sua compreensão e uso da linguagem; e não objectos <externos> abstractos e de natureza sociológica, como o <português>, o <inglês>, o <chinês>, o <russo> ou o <islandês>, objetivos que, para além disso, têm um estatuto ontológico duvidoso.

A mente de Maria, por exemplo, possui aspectos dedicados à linguagem a que chamamos de *Faculdade da Linguagem* (FL). Quando a Maria nasceu, a sua FL encontrava-se do *estado inicial* (FL₀), que assumimos ter uma complexidade organizativa rica e ser uniforme para toda a espécie humana. Um dos sistemas da FL da Maria é uma *componente cognitiva*, um repositório de conhecimentos sobre sons, significados e organização estrutural. Ao estado inicial FL₀ chamamos *Gramática Universal* (UG). Durante o crescimento da Maria, e como qualquer outra organização anatômica, fisiológica ou mental, a sua FL desenvolveu-se, passando por várias fases, até atingir um estado final (FL₁), mais ou menos rígido, não sujeito a modificações posteriores excepto no que respeita a ganhos e perdas de itens lexicais <substantivos>. Às várias fases da componente cognitiva da FL da Maria durante o seu desenvolvimento chamamos línguas-I; a FL₁ da Maria incorpora portanto uma língua-I final: uma gramática da <língua> que ela fala (para usar uma terminologia mais familiar, se bem que pouco precisa), que lhe permite compreender, produzir e perceber um número infinito de expressões, usá-las para várias finalidades, ter intuição sobre elas, e talvez outras coisas.

Parte do desenvolvimento da FL de Maria foi determinado exteriormente, pelo meio ambiente (linguístico) onde ela viveu. Assim, a FL₁ da Maria, incorporando uma língua-I, pode ser informalmente caracterizada como correspondendo ao português

da área de Lisboa, acrescido de várias idiossincrasias que têm a ver com a sua experiência individual, o seu estatuto social, profissional, etário, o modo como os seus amigos falam, etc. [...] Quanto a Clara, que tem, no momento em que se escrevem estas linhas, praticamente três anos, a fase actual de desenvolvimento da sua FL, incorpora uma língua-I que corresponde a uma mistura curiosa daquilo a que chamamos <português europeu> e <português brasileiro>. Isto deve-se ao curso particular da sua experiência, e ao modo como essa experiência afectou o desenvolvimento da sua FL) até à presente fase. [...] Mas é apenas *parte* do desenvolvimento da FL da Clara que é determinado <de fora>, pela sua experiência e pelo ambiente linguístico em que vive, como acontece com qualquer outra componente do seu organismo (físico ou mental), o desenvolvimento da FL da Clara é também parcialmente determinado por princípios internos, uniformes para toda a espécie humana, iguais portanto aos que se aplicaram no desenvolvimento da FL da Alexandra, do Manel, da Maria, do Jones, Do Sven, do Yuri ou do Wang. (CHOMSKY, 1999, p. 16-8)

Com essa breve explicação, Chomsky sintetiza os conceitos de Faculdade da Linguagem, Gramática Universal (GU) e Língua-I. Ademais, de modo menos explícito, são trabalhadas, também, as ideias de Língua-E, que seriam os idiomas como código comunicacional de um território ou uma comunidade, como Lisboa; de Parâmetros, que são as características fonéticas, morfológicas e sintáticas que diferem uma língua em específico de todas as outras; e de Princípios, ou o conjunto das características linguísticas comuns a toda a espécie humana, fazendo parte do desenvolvimento da Faculdade da Linguagem de todas as pessoas que desenvolvem algum grau de domínio sobre as línguas orais humanas.

Alguns conceitos presentes no trecho mencionado, apesar de claramente resumidos, acima estão suficientemente bem explicados para o que se objetiva no presente trabalho, mas outros deles precisam de um melhor aprofundamento, especialmente os de Gramática Universal e Língua-I, a fim de que sejam evitados problemas de clareza em relação à proposta de estudo assumida. Por isso, cabe esmiuçar que, para explicar a GU, Berwick e Chomsky afirmam que ela é “a teoria do componente genético da faculdade da linguagem” (2017, p. 15), e concluem a ideia dizendo que “Há todas as razões para supormos que esse órgão mental, a linguagem humana, se desenvolve de acordo com suas características genericamente determinadas, com algumas modificações entre uma língua e outra” (CHOMSKY, 1976, p. 56, *apud* BERWICK, CHOMSKY, 2017, p. 15).

No caso, observa-se que, para Chomsky, existe um componente genético, a GU, que possui as condições básicas para o desenvolvimento da linguagem complexa e que, a partir dessas condições, floresce o domínio sobre as línguas que conhecemos, processo este guiado pelos princípios e parâmetros, que são fundamentais para o gerativismo. Porém, o desenvolvimento da linguagem não se dá de forma homogênea, ou seja, os idiomas politicamente estabelecidos não são reflexos perfeitos das línguas individuais, mas formam línguas internas bastante individualizadas, ao ponto de ser possível afirmar que uma língua-I, digamos, de Maria, não se repete na realidade, considerando que língua-

I

é o sistema cognitivo incorporado no estado final da [...] faculdade da linguagem [...], consistindo num repositório de conhecimentos sobre sons significados e organização estrutural. Podemos considerar que a língua-I tem duas componentes: um léxico e um sistema de princípios (regras, operações) que operam recursivamente sobre os itens do léxico e sobre as expressões complexas formadas a partir destes. Ao sistema de princípios (regras, operações) chamamos *Sistema Computacional (da linguagem humana)*, que abreviamos em C_{HL} . (CHOMSKY, 1999, p. 18)

De forma resumida, a respeito dos conceitos focados anteriormente, pode-se dizer que, segundo a teoria dos Princípios e Parâmetros, a Gramática Universal é o ponto zero da aquisição da linguagem, no qual a linguagem é formada por duas classes de elementos, o primeiro sendo a classe dos Princípios universais, presentes em todas as línguas, e, o segundo, os Parâmetros particulares, que são selecionados e fixados na linguagem manifesta dos indivíduos a partir da experiência deles com sua língua-E. A partir dessa base, formatada pela experiência particular, vem a consolidação da língua-I, ou competência linguística, do indivíduo (KENEDY, 2013).

Outrossim, Chomsky propõe, em algumas de suas obras, dois modos de se olhar para as manifestações da língua, distinguindo a “*estrutura superficial* da sentença, a organização em categorias e frases que está diretamente associada ao sinal físico, da *estrutura profunda* subjacente, também ela de um sistema de categorias e frases, mas de um caráter mais abstrato.” (CHOMSKY, 2009, p. 66). Para ilustrar essa situação, podemos recorrer ao exemplo da sentença “A wise man is honest”, utilizado pelo próprio Chomsky. Observando a estrutura superficial da sentença, temos um uso tradicional simples de estrutura SVO (sujeito-verbo-objeto), sem novidades, mas, ao observamos a estrutura

profunda, percebemos que, antes da formação de “A wise man is honest”, temos “A man is wise”, que compõe o sujeito da estrutura superficial da sentença inicialmente proposta. Nesse sentido, poderíamos, ainda, continuar com uma progressão de complexidade *ad infinitum*, como em “A man is wise > A wise man is honest > An honest and wise man is respected > ...”.

Com isso, pode-se levantar a ideia de que as formulações sintáticas são responsáveis por construir conceitos para os quais não existem, e nem é prático que existam, palavras específicas que os designem, e, a esse respeito, cabe relacionar a perspectiva de Chomsky às ideias de Silva e Pardini, para quem, semanticamente, “Toda oração é utilizada, dentro de culturas humanas, como instrumento de expressão linguística de um recorte de cena, concreta ou abstrata, em quatro dimensões, com foco em um evento ambientado física e temporalmente, a partir de um Referente.” (2020b, p. 723), ou seja, como mecanismo de formulação de conceitos inquestionavelmente complexos; e, sintaticamente, “A oração é uma estrutura sintática, portanto, matemática, cuja única condição de existência é a presença, implícita ou explícita, de todos os elementos funcionais básicos que a constituem” (SILVA; PARDINI, 2020b, p. 719).

Nesse viés, faz-se muito importante destacar que, para Silva e Pardini, uma oração possui quatro elementos funcionais básicos, e, portanto, indispensáveis: o Referente, ou “o ponto de referência pelo qual o Evento é comunicado”, o Evento, ou o “acontecimento, dinâmico ou estático, que é comunicado a partir de um Referente”, o Localizador Temporal, ou “o tempo em que um evento acontece” e o Localizador Espacial, ou “o ambiente físico ou mentalmente compreendido como físico no qual um evento acontece” (SILVA; PARDINI, 2020b, p. 719). A respeito dessa configuração, vê-se que há a possibilidade de dividir os elementos funcionais básicos explicitados em duas categorias, uma que trabalha a dinamicidade da oração – que inclui o Referente e o Evento – e a que lida com o contexto – que inclui os Localizadores Temporal e Espacial, e essa configuração aproxima bastante as ideias de Pardini e Silva das propostas gerativistas, por partir da funcionalidade da operação de Merge, que nada mais é do que a combinação de duas palavras ou dois sintagmas em uma construção maior e mais complexa.

Além disso, cabe destacar que cada um dos quatro elementos anteriormente podem ser subdivididos em duas partes, o primeiro é elemento principal, essencial para a existência de seu respectivo elemento funcional básico, estando o Referencial para o Referente, o

Fenômeno para o Evento, o Tempo para o Localizador Temporal, e o Espaço para o Localizador Espacial, e o segundo são os Qualificadores, que atribuem características modificadoras ou especificadoras ao seu respectivo elemento (SILVA; PARDINI, 2020b). A esse respeito, cabem duas ressalvas.

A primeira diz respeito a exatamente o que se pode considerar Tempo, Espaço e Qualificadores de Tempo e Espaço. Isso porque essas noções não são bem explicadas por Silva e Pardini e, por isso, precisam de definições mais específicas e claras do que as que os autores apresentam. A partir disso, o Tempo será considerado uma manifestação de um dos tempos verbais do indicativo usados durante conjugações, que, no caso do português, seriam o presente, o pretérito imperfeito, o pretérito perfeito, o pretérito mais-perfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito, e o Qualificador de Tempo será um advérbio de tempo, como “hoje” ou “ontem”. Essa formulação se faz necessária porque não é possível inferir um advérbio de tempo a partir de um Evento, mas o Evento deverá concordar temporalmente com o Tempo, e, portanto, o advérbio de tempo é diferente do Tempo da oração, mas igual ao tempo manifesto pela concordância. De modo semelhante, o Espaço também é genérico, mas ainda mais que o Tempo, porque ele seria algo como “na realidade”, e só não o será se isso for expresso linguisticamente, como em “fora da realidade”, e toda marcação de espaço será um Qualificador Espacial, porque nada obriga uma oração a expressar um marcador de espaço, mas, sem o Espaço genérico, não há contexto, e sem contexto, não há construção de uma imagem mental da oração manifesta, ou seja, sempre há um Espaço em uma oração.

Já a segunda ressalva, está diretamente relacionada à primeira, porque, se a oração exige Tempo e Espaço, mas Tempo e Espaço tendem a ser ocultados, a argumentação construída anteriormente entra em contradição. Contudo, a proposta é a de que “Qualquer um dos elementos funcionais básicos da oração pode ser ocultado e, mesmo assim, estar presente, resultando em um vazio dotado de significado, ou, para utilizar uma nomenclatura esteticamente mais agradável, por um Zero Significativo (0)” (SILVA, PARDINI, 2020b, p. 722), isso considerando que, na sintaxe, o silêncio também pode significar, e que é isso que permite que a semântica signifique o silêncio. Como exemplo, pode-se utilizar a oração “Choveu”. Nela, apenas o Fenômeno é explicitado, mas ele possui marcas de concordância com um Referencial e um Tempo, o que não é logicamente possível sem que esses elementos existam, no caso, como 0s. No caso, o Referencial é um sujeito genérico para “chover”, que pode ser entendido como “água” ou “chuva”, e

essa constatação ganha força quando substituirmos esse sujeito genérico por qualquer outro, como “João”.

Já em relação ao Espaço, ele, semanticamente, como dito anteriormente, na imensa maioria das vezes, terá o significado mais genérico possível, sendo, assim, quase sempre ocultável, e praticamente todo termo essencialmente marcador de espaço de ocorrência de Fenômeno será um Qualificador de Espaço, e, sintaticamente, a presença do Espaço se faz necessária no exemplo, mesmo que como 0, por ser condição lógica para a construção da oração e pela possibilidade de expressão linguística do Qualificador de Espaço como presente, ou seja, se, em uma oração qualquer, o Qualificador de Espaço, assim como o de Tempo, pode ser manifesto, o Espaço, que é condição de existência para o Qualificador de Espaço, sempre esteve presente na oração, mas de forma oculta. Assim, “Choveu”, na verdade, pode ser escrita como “(0) choveu (0) (0)”.

Contudo, pode surgir o questionamento sobre a real independência dos Localizadores Espacial e Temporal, a partir do argumento de que tais elementos, na realidade, são Qualificadores de Fenômeno. No entanto, deve-se levar em consideração que os Qualificadores só podem ser percebidos como Qualificadores se o contexto entrega a presença de um respectivo elemento principal. Então, em relação à questão espacial, no caso de um termo qualquer, como “Água”, ele só pode ser visto como qualificador se uma situação de uso o colocar como tal, como em “Choveu água” ou “copo d’água”. Fora esse tipo de situação, “água” tende a ser compreendido como Referencial ou Espaço. Ademais, em relação à questão temporal, é incoerente dizer que um elemento principal precise se adaptar a um qualificador, e, por isso, não é lógico que “choveu” precise concordar em tempo com um tempo passado, pois, nesse viés, o Fenômeno deveria ser semântica e morfologicamente independente do Tempo.

Outrossim, há, ainda, a ocorrência muito comum de uma oração completa (já dotada de Referente, Evento e Localizadores Temporal e Espacial) funcionar como elemento funcional básico para uma segunda oração. A exemplo disso, faz-se pertinente observarmos a sentença “O menino que quebrou sua janela está aprontando de novo”, na qual “O menino quebrou sua janela”, oração completa, passa a ser apenas Referente de uma nova oração, e isso está relacionado com a formação de conceitos a partir de uma estrutura profunda, seguindo as ideias de Chomsky mencionadas anteriormente. Outro exemplo é a sentença “A bola quebrou sua janela que já não estava grande coisa”, em que

temos a formação de “sua janela já não estava grande coisa”, oração completa, servindo de Qualificador de Fenômeno para “quebrou”.

Em sequência, retomando a questão das quatro dimensões mencionada anteriormente, Silva e Pardini (2020b) apresentam uma metodologia de análise de sentenças diferente da tradicional dos gerativistas, mas que se baseia exatamente no mesmo princípio-chave, a hierarquia. Isso considerando que, para os gerativistas, “A estrutura sintática da linguagem humana tem pelo menos três propriedades-chave, todas capturadas pelos pressupostos do sistema minimalista”, entre as quais, no presente texto, apenas uma nos interessa, a de que “a sintaxe da linguagem humana é hierárquica e cega com relação às considerações de ordem linear, com restrições de ordem linear reservadas para a externalização”, que “implica que qualquer teoria linguística adequada deve ter algum modo de construir matrizes de expressões hierarquicamente estruturadas, ignorando a ordem linear” (BERWICK, CHOMSKY, 2017, p. 17). Em relação a isso, vê-se que o gerativismo trabalha adequadamente tal pressuposto com os conhecidos diagramas arbóreos ou com a divisão de sintagmas em chaves, demonstrando total coerência teórica interna ao propor a hierarquização como partindo da fragmentação da sentença em sintagmas menores, lembrando que

A noção de Sintagma é derivada da noção matemática de *conjunto*. Um conjunto é tipicamente uma coleção de unidades que formam um todo, uma unidade complexa. Da mesma forma, um sintagma é tipicamente um conjunto de elementos, uma unidade complexa. (KENEDY, 2013, p. 181)

A questão discutível, nesse sentido, é que, na visão tradicional gerativista, o verbo é tomado como o elemento central de uma oração por a ideia de ele ser o elemento que faz as exigências de outros elementos que compõem o restante da sentença ser considerada uma verdade indiscutível. Porém, segundo Silva e Pardini (2020a, p. 136), pode haver uma outra forma de se olhar para o verbo, haja vista que, para eles

o sujeito, como função sintática, exige o verbo com a mesma intensidade que o verbo exige o sujeito. Já com relação ao complemento, a ideia é ainda mais drástica, pois, pragmaticamente, é comum que os verbos não exijam complemento, mas o complemento sempre exige a presença de um verbo.

Por esse ponto de vista, é possível a interpretação de que tomar o verbo como elemento principal da oração por critério de exigência pode ser questão de escolhê-lo como ponto de partida para a análise de orações ou sentenças. Entretanto, deve ficar claro que a noção de verbo utilizada pelo gerativismo é funcional e perfeitamente cabível para fins didáticos, mas, especificamente para os objetivos do presente trabalho, ela será substituída pela de Fenômeno, já explicada anteriormente, até como modo de testar a confiabilidade do novo conceito.

Além disso, a visão acima mencionada não reduz a importância do verbo. Muito pelo contrário. Mantém claro que o verbo, ou Fenômeno, é indispensável, independentemente do ponto de vista, haja vista que é o único componente variável possível em um conjunto de cenas compostas pelos mesmos elementos, ou seja, interpretando semanticamente uma oração como representação linguística de uma cena captável pelos sentidos, se temos uma série de cenas compostas exatamente por um mesmo contexto (Tempo e Espaço) e um mesmo Referencial, sem um verbo, presenciamos apenas um contexto sem função prática e um Referencial estático na realidade ao ponto de poder ser visto como aparte em relação a ela, mas, com um verbo, temos dinamicidade de existências e ações, que se diversificam de acordo com o Evento retratado, gerando um conjunto de cenas possíveis numericamente igual ao número de Eventos possíveis. De modo mais claro, teríamos um conjunto de N cenas possíveis, em um mesmo contexto e a partir de um mesmo ponto de vista, conjunto no qual o número de Referenciais (R), Localizadores Temporais (LT) e Localizadores Espaciais (LE) estaria estabilizado em 1, e o número de Eventos (E) em n, ou em outra representação, $\{N = nR * nLT * nLE * nE = 1 * 1 * 1 * n = n\}$, sendo que o asterisco, por conveniência, possui função de multiplicador.

Com isso, fica constatada a importância, a complexidade e a indispensabilidade do verbo ou Evento, porém, todos os outros elementos básicos da oração, sob a hipótese de Pardini e Silva, podem ser igualmente indispensáveis, porque, para eles, não é possível Evento sem contexto e/ou sem Referencial, mas isso inclui a retomada de elementos de orações ou sentenças anteriores resgatáveis pelo contexto comunicativo, o que configura um tipo de reaproveitamento de elementos para a construção de sentidos e, principalmente, estruturas, algo previsto por Chomsky.

Ilustrando as questões apontadas anteriormente, temos os fenômenos da natureza, tradicionalmente compreendidos como verbos que não exigem sujeitos, para os quais há,

na realidade, um sujeito inerente ao verbo, que não é pronunciado e é o mais genérico possível, mas que está presente, algo proporcional a, por exemplo, “O trovão trovejou”, sendo “O trovão” marcado por um Zero Significativo (0), e a prova maior de que essa é a realidade está na possibilidade de substituição do sujeito inerente mencionado por qualquer outro, como “João”, pois em “João trovejou” acontece uma sentença de estrutura e sentido perfeitamente aceitáveis cujo sujeito é inocultável, mesmo que seja necessária uma retomada de uma sentença previamente emitida, como na conversa a seguir:

- Sabe o João?

- Sei.

- Trovejou sozinho ontem.

Já em relação ao contexto, Sob o mesmo ponto de vista, percebe-se que ele é condição de existência para o Evento, porque, sem Espaço e Tempo, a oração não é legível e nem passível de produção de sentido. Por exemplo, em “João trovejou”, não há a possibilidade de “trovejou” ter acontecido ou de “João” ser concebido em um Espaço inexistente, visto que o “trovejou” e o “João” precisam acontecer em algum Espaço, por mais genérico que seja, e, também, não é possível estabelecer um Evento que não concorde com um Tempo em que o Evento se passe. Porém, pode-se argumentar, a partir de critérios puramente semânticos, que a inserção do sujeito “João” descaracteriza a ideia de fenômeno da natureza e que o acréscimo em questão tornaria o “trovejou” metafórico, mas esse contra-argumento não se sustenta sob critérios rigorosos, porque, se, em vez de João”, utilizarmos a palavra “vulcão”, mantém-se a ideia de fenômeno da natureza, assim como a exigência de explicitação do Referencial.

Com todas as questões apontadas anteriormente, deve ser esclarecido que, neste trabalho, não se pretende questionar a autoridade ou a importância de autores gerativistas ou de outras correntes teóricas já consolidadas, mas expor ideias e hipóteses a serem analisadas como tentativas de contribuição para as teorias linguísticas. Ademais, os conceitos e as reflexões feitas são, juntamente com as bases do gerativismo, a base para o presente trabalho, e não tentativas de sobrepor construções teóricas imensuravelmente mais estudadas e bem fundamentadas.

Dando continuidade às reflexões, frente as construções apresentadas, torna-se necessário pensar em uma forma de análise visual de sentenças, conversações e textos adequada às questões conceituais discutidas, e, para isso, Silva e Pardini sugerem a projeção das sentenças em uma imagem em quatro dimensões, na qual a hierarquia entre os elementos básicos da oração, o que constitui uma das dimensões mencionadas, o Eixo hierárquico, representado verticalmente, se dá por funções e regras mais rígidas, seguido o seguinte padrão:

Em uma oração, o Evento, elemento funcional básico hierarquicamente superior a todos os outros, tem potencial para indicar a existência dos três outros elementos; o Referente, que é o segundo na escala hierárquica, pode indicar a existência dos dois Localizadores; o Localizador Temporal, que é o terceiro superior, indica a existência do Localizador Espacial, uma vez que a existência do tempo é condicionada pela existência de um espaço fundamental, que seria a Existência ou Realidade; por fim, o Localizador Espacial é indicado pelos três outros elementos, haja vista que é condição de existência para eles. (SILVA, PARDINI, 2020b, p. 722)

Esse eixo hierárquico pode ser representado pela imagem a seguir, que torna clara a hierarquia entre os elementos funcionais básicos da oração em forma de pódio.

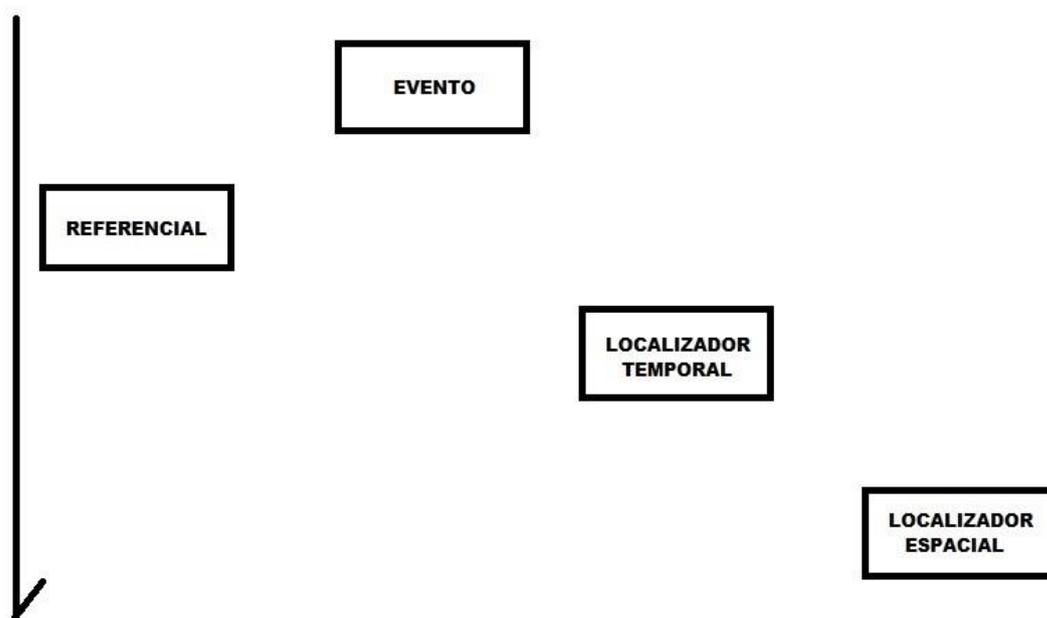


Imagem 1 – hierarquia entre os elementos funcionais básicos da oração (Eixo Hierárquico)

Com essa formulação, também se chega à ideia de que o verbo, ou Evento, é o elemento funcional básico central de uma oração ou sentença, mas seguindo um critério aparentemente mais consistente, por se basear em propriedades específicas que apenas os Eventos podem possuir.

Além dessa dimensão hierárquica, ou Eixo Hierárquico, de orientação física vertical, Silva e Pardini propõe, ainda, a manutenção do Eixo Sintagmático (Imagem 2), “que corresponde à organização linear e funcional horizontal dos elementos básicos da oração” e “é bastante semelhante à proposta por Saussure e utilizada pelas gramáticas tradicionais”, e a inclusão do eixo Composicional (imagem 3), que é o da profundidade, e “que determina o modo como uma oração relaciona-se com outra e com os elementos funcionais de outra, considerando que cada camada de profundidade apresenta apenas uma oração, mas que os elementos das orações são móveis entre as camadas” e, assim, entre diferentes orações.



Imagem 2 – ordem de manifestação e organização linear dos elementos funcionais básicos da oração (Eixo Sintagmático)

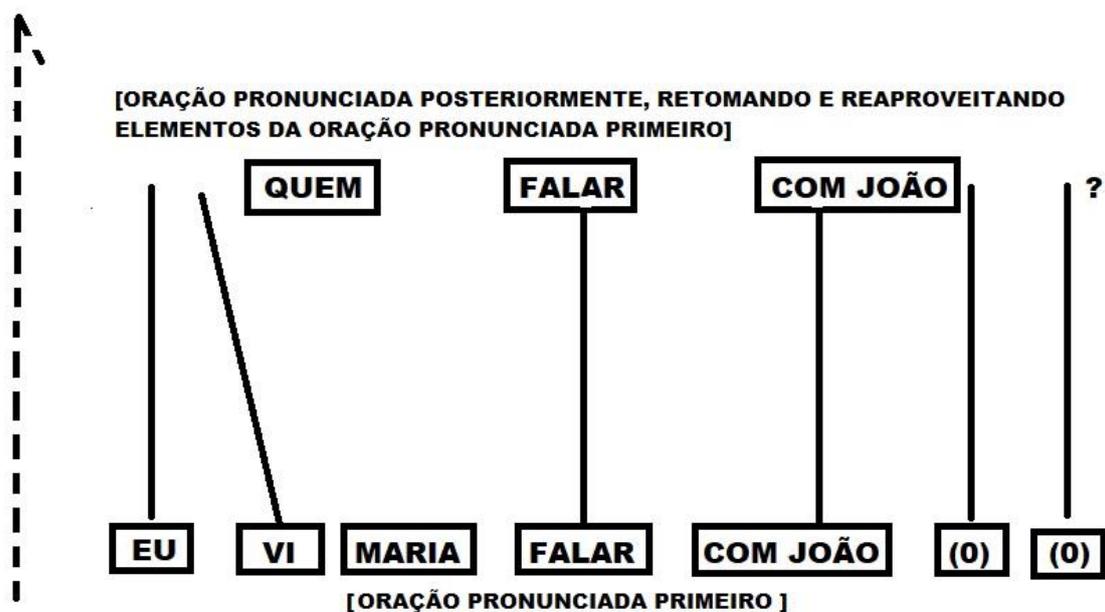


Imagem 3 – organização de orações em camadas, com ilustração das capacidades de retomada e reaproveitamento de elementos de uma primeira sentença, dotada de duas orações, por parte de uma segunda sentença, também composta por duas orações (Eixo Composicional)

Com as ideias de eixos/dimensões apresentadas anteriormente e as imagens 1, 2 e 3, observa-se a possibilidade da análise de uma oração em três dimensões, em vez de apenas duas, o que pode facilitar o processo de explicitação de características estruturais de orações isoladamente e de textos mais longos e complexos. Entretanto, para representar a dinamicidade à língua, há, ainda, a necessidade de se trabalhar uma dimensão temporal, que, para Silva e Pardini, “diz respeito à construção temporal da oração, ou seja, à ordem em que os termos surgem ou ressurgem no tempo” de uma situação de uso da língua, e que presume que um elemento dotado de função sintática

“só é presente quando está sendo mencionado. Dessa forma, assim que o processo de fala ou de escrita termina de mencionar um elemento, ele passa a ser passado, dando espaço, no presente, para um novo elemento. No entanto, quando um elemento é retomado, de modo explícito ou implícito, a língua faz uma espécie de viagem no tempo, tornando um instante comunicacional do passado, presente por um novo breve momento. No entanto, esta quarta dimensão oferece dificuldades para ser representada graficamente. Por isso, deve ser descrita, para a análise de uma oração isolada, como paralela à primeira dimensão, e, para a compreensão da relação simples entre duas ou mais orações, como paralela à terceira dimensão (SILVA, PARDINI, 2020b, p. 724-5)

Contudo, a ideia da representação do Eixo temporal como paralelo a outras dimensões físicas precisa de cautela ao ser utilizada. Frente a isso, Silva e Pardini (2020a) trazem a ideia de hipercubo sintático, que parte das possíveis representações tridimensionais de um cubo segundo a visão de Charles Howard Hinton.

Para Hinton, segundo Michio Kaku (2000), há duas formas de se representar um cubo quadridimensional em três dimensões. “A primeira delas é um tipo de cruz quadridimensional – utilizada na pintura “Corpus Hypercubus”, de Salvador Dali, que é, para o hipercubo, o que o cubo é para a cruz resultante do desmonte de um dado” (SILVA; PARDINI, 2020a, p. 140,).

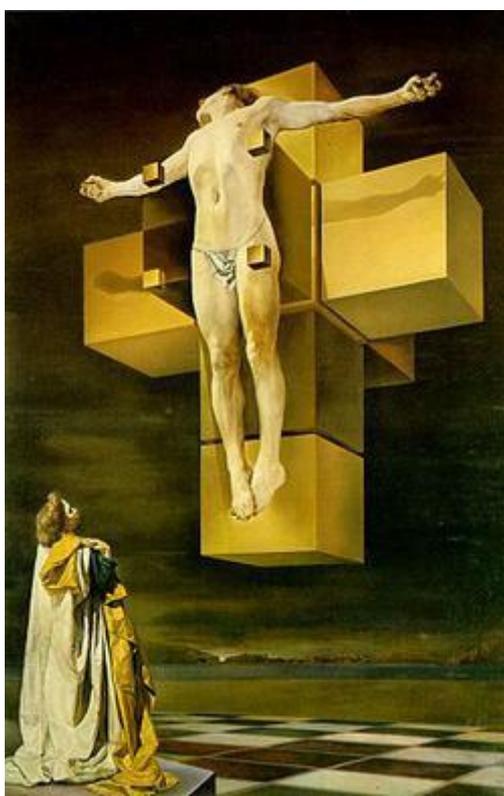


Imagem 4 - Corpus Hypercubus – Fonte: DALI, 1954, *apud*, SILVA; PARDINI, 2020a)

Essa imagem pode possuir seu mérito para o pensamento sobre a física e as artes, mas, ao menos inicialmente não é regular o suficiente para servir às representações sintáticas, o que não quer dizer que ela não pode ser revisitada em trabalhos futuros. Já a segunda representação de Hinton traz uma opção bem mais interessante para os interesses de um linguista. Isso porque ela é caracterizada pela

construção do hipercubo a partir da projeção da sombra bidimensional da figura quadridimensional no plano e a posterior

construção dessa sombra em três dimensões. Dessa forma, é criada a imagem projetada de um quadrado dentro de outro, que é transformada em um cubo dentro de outro, de modo que os vértices consoantes entre as duas figuras sejam ligados por arestas internas (SILVA; PARDINI, 2020a, p. 140).

Assim, forma-se imagem a seguir:

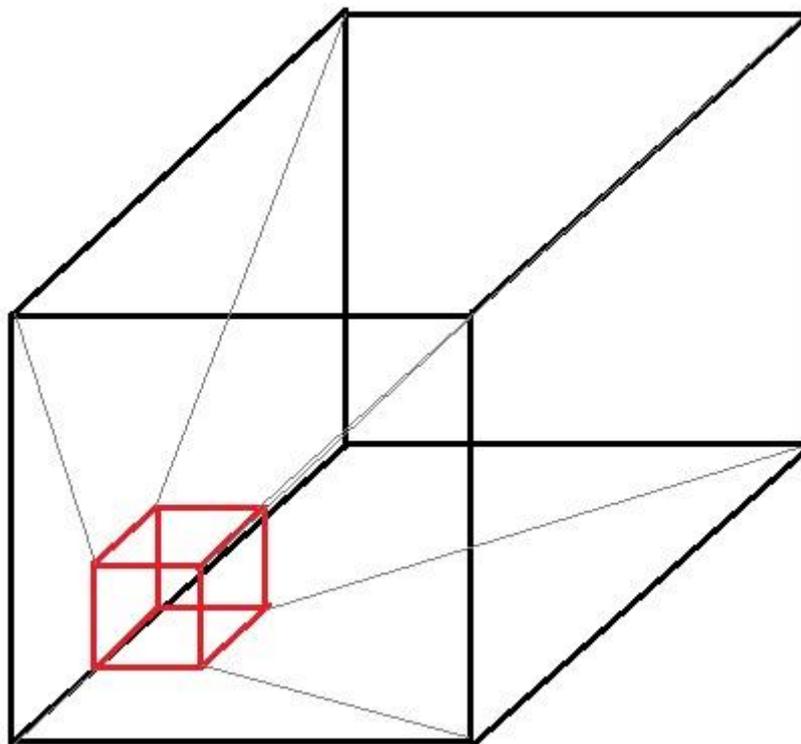


Imagem 5 – Segunda representação possível para um hiper-cubo segundo Hinton (imagem adaptada de Kaku, 2000).

Com essa representação, o cubo grande passa a ser um espaço de contenção de toda uma situação comunicacional, dotada de uma ou mais orações, no qual os eixos Composicional, Sintagmático e Hierárquico, mencionados anteriormente, são seguidos, e o cubo menor passa a ser um marcador temporal móvel dentro do cubo maior. Para exemplificar essa situação, pode-se utilizar a imagem a seguir:

MARIA COMERÁ LEGUMES, JÚLIO, FRUTAS, E, SÁVIO, PEIXE (0) (0)
M C L J F S P (0) (0)

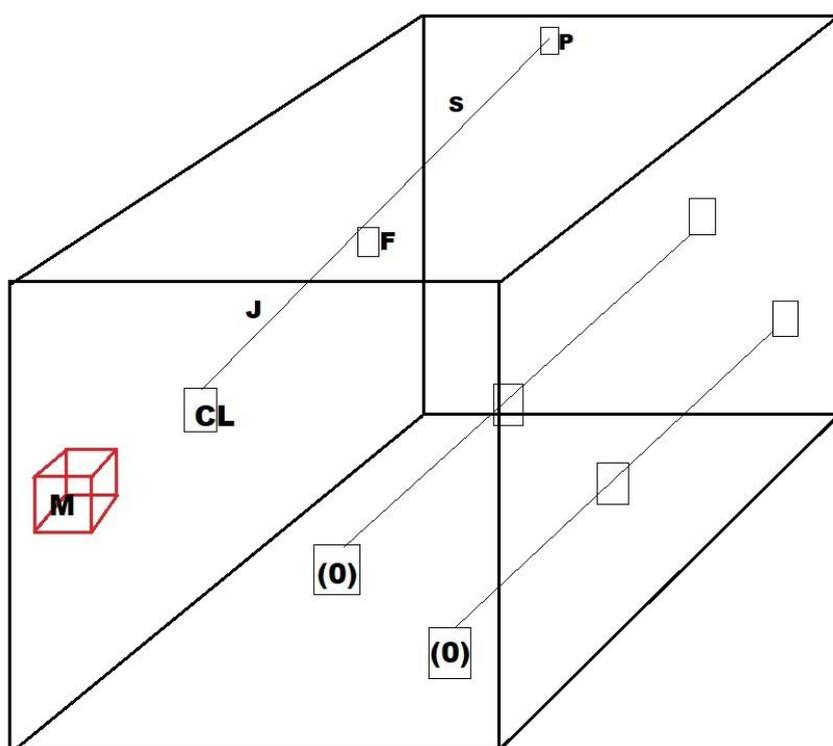


Imagem 6 – hiper-cubo sintático – representação dos eixos sintáticos Hierárquico, Sintagmático, Composicional e Temporal¹

Na imagem 6, temos três orações devidamente hierarquizadas, “Maria come legumes (0) (0)”, “Júlio come frutas (0) (0)” e “Sávio come peixe (0) (0)”, e essa hierarquia é demonstrada pelo posicionamento vertical dos elementos das orações em questão, seguindo o Eixo Hierárquico apresentado anteriormente. Além disso, vemos que cada oração é posicionada como uma camada da figura geométrica criada, e há o reaproveitamento de elementos de uma oração em outras, como acontece com o verbo “come”, com o Localizador Temporal (0) e com o Localizador Espacial (0), e isso segue os pressupostos do Eixo Composicional discutido. Por fim, é representado o Eixo Temporal pela figura do cubo vermelho, que se movimenta dentro do cubo maior delimitando qual elemento da comunicação está sendo apresentado ou retomado em um

¹ Na imagem 6, palavras foram representadas por suas respectivas iniciais, e retomadas por retângulos, devido a limitações tecnológicas.

dados elementos comunicacionais, incluindo voltas no tempo em meio a uma oração necessárias para a retomada de elementos de orações previamente enunciadas. Por exemplo, A oração “Júlio come frutas (0) (0)” só é possível a partir da ação do Eixo Temporal, que volta no tempo e resgata elementos de “Maria come legumes (0) (0)”. Caso contrário “Júlio, frutas” seria apenas uma listagem de dois nomes sem função sintática prática. Essa ação pode ser representada, também, pela imagem 7, na qual a linha vermelha fina explicita o trajeto feito pelo cubo menor, ou seja, mostra a linha temporal da apresentação e retomada de elementos em uma situação comunicacional.

MARIA COMERÁ LEGUMES, JÚLIO, FRUTAS, E, SÁVIO, PEIXE (0) (0)

M C L J F S P (0) (0)

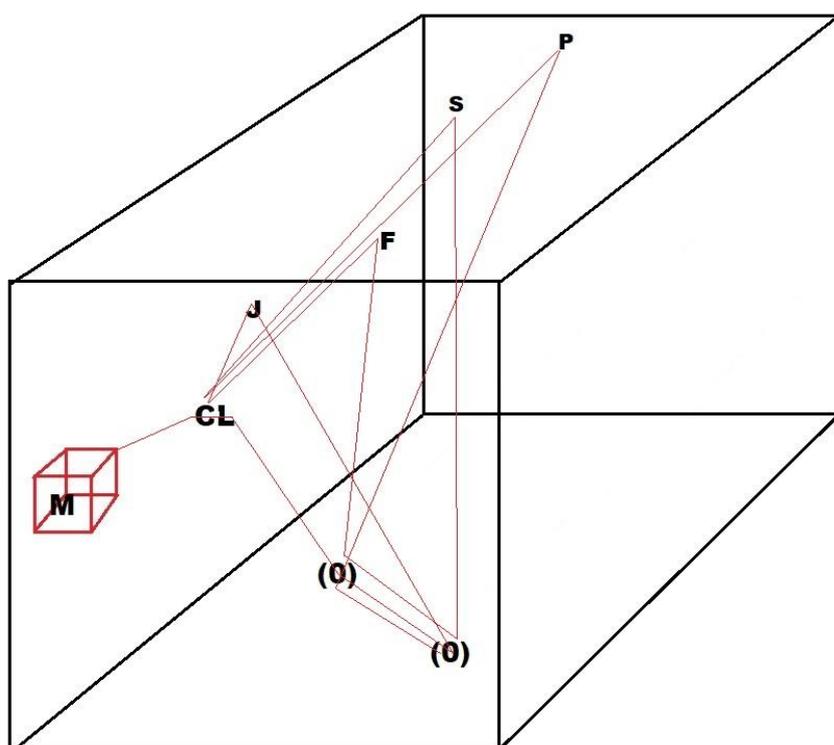


Imagem 7²

² A Imagem 7, por trabalhar uma representação tridimensional, mas em uma imagem bidimensional, é de difícil compreensão sem a explicitação conjunta da imagem 6. Por isso, no presente trabalho, a perspectiva presente na imagem 6 será a adotada, pois faz-se mais didática, útil e funcional do que a Imagem 7, que, por sua vez, em tese, seria mais correta, mas confusa.

Somando esses três eixos utilizados e ilustrados, e somando-os ao Eixo Sintagmático, que é bastante autoexplicativo, haja vista sua existência nos estudos linguísticos desde Saussure, faz-se possível o mapeamento sintático de toda uma situação comunicacional, o que é importante para o presente trabalho, por legitimar formulações oracionais que serão apresentadas mais à frente.

Ademais, há a possibilidade de se trabalhar, também, apenas com pares ou trios de Eixos, dependendo das propriedades da oração, da sentença ou do texto que se pretende analisar. Como exemplo, pode-se observar as imagens 8, 9 e 10, nas quais “a wise man” é o Referente, “is honest” e “is not a fool” são Eventos, o (0) preto é o Localizador Temporal e o (0) alaranjado é o Localizador Espacial.

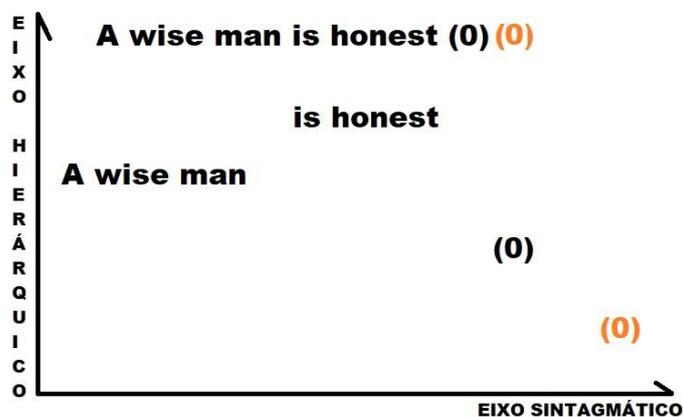


Figura 8 – par de eixos Hierárquico-Sintagmático

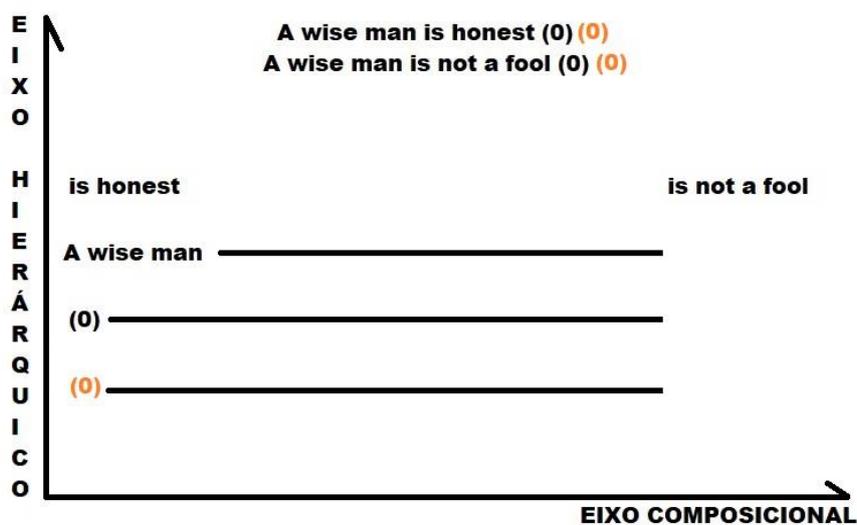


Figura 9 – Par de eixos Hierárquico-Composicional

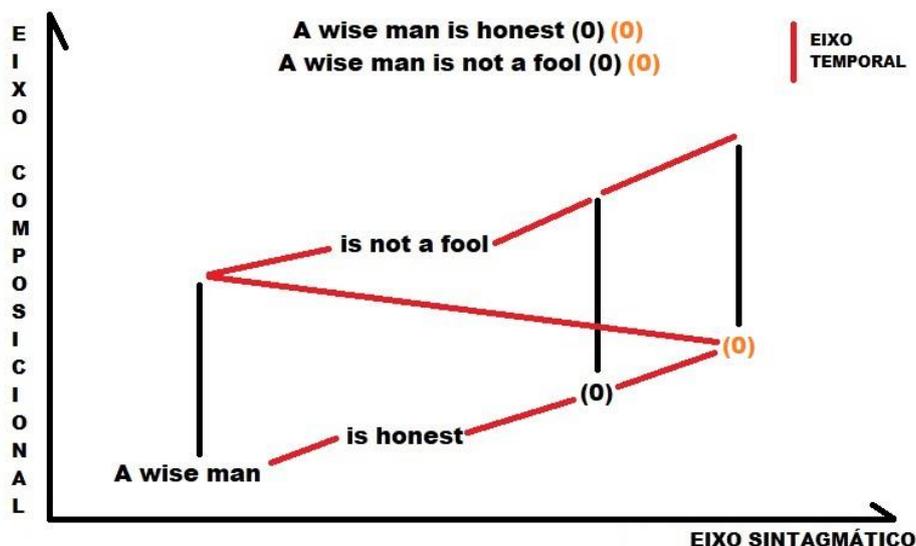


Figura 10 - Trio de eixos Composicional-Sintagmático-Temporal³

A partir das imagens 6 a 10, vê-se que a formulação de Silva e Pardini dá autonomia à formulação sintática da sentença, de modo que, se as palavras e os símbolos para Zeros Significativos fossem substituídos, por exemplo, por figuras geométricas ou cores, ainda se saberia a função sintática de cada elemento. A importância dessa tentativa de construção de ferramenta está no fato de que não houve uma tentativa de montar algo semelhante por parte dos gerativistas, pois, mesmo que existam os diagramas arbóreos, eles buscam apenas estabelecer as aplicações de Merge e a hierarquia entre sintagmas, e, por isso, não há conflito entre os diagramas arbóreos e a perspectiva geométrica de Silva e Pardini.

Por isso, ver-se-á que as análises que serão feitas mais adiante manterão sua coerência interna ao terem como base uma série de conceitos e concepções gerativistas, mas tomarem como ferramenta de análise a representação de natureza geométrica de Silva e Pardini.

Então, de forma resumida, para Silva e Pardini, uma oração, que pode corresponder a uma sentença ou fazer parte de uma sentença, nada mais é do que a formulação, hierarquicamente estabelecida, de um conceito a partir de conceitos fundamentais previamente estabelecidos (Referente, Evento e Localizadores Temporal e Espacial) e que pode vir a ser matéria prima, ou conceito fundamental, para a formulação de novos

³ A linha vermelha presente na Imagem 10 simboliza o trajeto temporal feito por uma situação comunicacional, exatamente como foi representado na Imagem 7.

conceitos, ou seja, conceitos básicos formam orações que podem funcionar como conceitos básicos ou partes de conceitos básicos para novas orações, e isso se encaixa bem em muito do que foi proposto pelas ideias chomskianas, por assumir o inatismo como verdade, inclusive tomando a compreensão dos quatro elementos básicos da oração trazidos por Silva e Pardini (Referente, Evento, Localizador Temporal e Localizador Espacial) como parte da base linguística inata humana; por ter a hierarquia como essencial para a compreensão das sintaxes humanas; e por ver a sintaxe como bastante, mas não completamente, independente da semântica em questões lógicas, sem negar que, em usos reais, a semântica é indiscutivelmente relevante e indispensável.

Outrossim, voltando às questões estritamente relacionadas às ideias de Chomsky, mais dois conceitos são necessários para a discussão pretendida pelo presente texto, que são as operações básicas através das quais, de acordo com Chomsky, a língua se manifesta.

A primeira e mais básica operação do Sistema é Selecionar. Com essa operação, o Sistema Computacional retira do Léxico (na verdade, de um subgrupo do Léxico, chamado Numeração [...], os itens que participarão da derivação. Uma vez selecionados para o espaço derivacional, esses itens lexicais se tornam acessíveis às outras operações do Sistema. (KENEDY, 2013, p. 130)

Já a segunda operação básica levantada por Chomsky é a *Merge*, que “é apenas uma operação que forma conjuntos”, pois, nela, “Dado um objeto sintático X (um átomo sintático como uma palavra ou algo que já seja um produto de *Merge*) e outro objeto sintático Y, *Merge* forma um novo objeto hierarquicamente estruturado, o conjunto (X, Y)” (BERWICK, CHOMSKY, 2017, p. 19). Exemplificando esta operação, podemos tomar X como igual a “Maria” e Y como igual a “Chorou”, e, nesse caso, o conjunto (X, Y) seria igual ao conjunto (Maria, Chorou), ou à construção “Maria Chorou”.

Estas operações são de imensa importância, porque, considerando que toda a construção linguística parte de seleções e combinações extremamente simples, na verdade, as mais simples possíveis, tem-se um guia lógico e prático para a descoberta das formulações sintáticas possíveis na linguagem humana de modo geral e, assim, para um idioma específico.

2. DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, algo fortemente defendido por Chomsky (2008) é a interpretação de que a linguagem é inata, mas, para afirmar isso, é preciso que haja alguma predisposição à compreensão e à produção interna e externa da manifestação da linguagem, e, frente a isso, Silva e Pardini (2020b) propõem a hipótese, ainda em um estágio bastante inicial de desenvolvimento, de que há quatro elementos funcionais básicos da linguagem humana, contando com a ideia de que somos predispostos a compreender Referentes (R), Eventos (E) e Localizadores Temporais (LT) e Espaciais (LE), e de que, sem tais elementos, seria logicamente mais difícil a efetivação da linguagem como a conhecemos. Além disso, cabe lembrar que, segundo o gerativismo, a linguagem humana complexa acontece através de duas operações básicas, a operação de Selecionar e a Merge, responsáveis pelas construções sintáticas.

A partir dessas ideias, poderíamos imaginar que quaisquer organizações sintáticas que possuíssem os quatro elementos mencionados poderiam ser possíveis, e, considerando apenas a presença de elementos simples, ou seja, sem Qualificadores, isso tende a ser verdade, apesar de essa não ser culturalmente uma verdade universal, porque uma língua pode simplesmente não adotar uma formulação específica, como (E + R + LE + LT), e tomá-la como incorreta por não adotá-la, mas isso não torna incompreensível a formulação tomada como incorreta pela comunidade da língua hipotética em questão, haja vista que ela tem pleno conhecimento das funções sintáticas de cada elemento selecionado para a composição da oração. Por exemplo, no Português, todas as configurações a seguir são sintaticamente possíveis:

- 1) Maria chorou, hoje, em casa
- 2) Maria chorou, em casa, hoje
- 3) Maria, hoje, chorou em casa
- 4) Maria, hoje, em casa, chorou
- 5) Maria, em casa, chorou, hoje
- 6) Maria, em casa, hoje, chorou
- 7) Chorou, Maria, hoje, em casa
- 8) Chorou, Maria, em casa, hoje
- 9) Chorou, em casa, hoje, Maria

- 10) Chorou, em casa, Maria, hoje
- 11) Chorou, hoje, em casa, Maria
- 12) Chorou, hoje, Maria, em casa
- 13) Hoje, Maria chorou em casa
- 14) Hoje, Maria, em casa, chorou
- 15) Hoje, em casa, Maria chorou
- 16) Hoje, em casa, chorou, Maria
- 17) Hoje, chorou, Maria, em casa
- 18) Hoje, chorou, em casa, Maria
- 19) Em casa, Maria chorou hoje
- 20) Em casa, Maria, hoje, chorou
- 21) Em casa, hoje, Maria chorou
- 22) Em casa, hoje, chorou, Maria
- 23) Em casa, chorou, Maria, hoje
- 24) Em casa, chorou, hoje, Maria

Com os exemplos 1 a 24, vemos que, se a Língua Portuguesa se manifestasse apenas com elementos funcionais básicos sem Qualificadores e sem restrições culturais, teríamos, sempre, orações configuradas por permutações de quatro elementos, sendo o número total de permutações entre os elementos de uma oração igual a “4!”, ou 16. No entanto, alguns dos exemplos dados podem ser culturalmente tomados como incorretos, como o 20, no qual, em uma situação de fala, “chorou, Maria” poderia ser visto como ambíguo, sob a alegação de que “Maria” seria objeto de “chorou”, como substituto de “lágrimas”.

Ainda, é necessário que nos lembremos de que cada elemento funcional básico pode contar com Qualificadores, e é isso que torna a linguagem humana realmente rica, por fazer do número de formulações possíveis para uma sentença igual ao fatorial do Número de Qualificadores (Nqs) interpretados como conceitos simples mais 4, algo como “(Nqs+4)!”. Essa formulação poderia ser representada com a fórmula “{Referencial + Qualificador de Referencial 1 + Qualificador de Referencial 2 ... + Qualificador de Referencial N + Fenômeno + Qualificador de Fenômeno 1 + Qualificador de Fenômeno 2 ... + Qualificador de Fenômeno N + Tempo + Qualificador de Tempo 1 + Qualificador de Tempo 2 ... + Qualificador de Tempo N + Espaço + Qualificador de Espaço 1 +

Qualificador de Espaço 2 ... + Qualificador de Espaço N}”, e os resultados dessas permutações seriam a base da sintaxe de um idioma qualquer, como o Português. Contudo, para que essa formulação possua uma lógica coerente, duas reflexões são necessárias, sobre os usos de preposições e conjunções dentro de uma oração sob análise.

Na primeira reflexão, cabe lembrar que a preposição é tomada como uma palavra ou locução independente, em decorrência da tradição de escrita, mas não há motivos para se ver uma preposição como diferente de um prefixo que apenas complementa o sentido de um termo que o sucede, porque os elementos “de”, “para” e “com”, por exemplo, servem para criar sentidos específicos para um nome qualquer, como “pão” (“de pão”, “para pão”, “com pão”, “fora pão”, “salvo pão”) da mesma forma como os elementos “in-”, “contra-” e “re-” também criam sentidos específicos para um nome qualquer, como “produtivo” (“improdutivo”, “contraprodutivo”, “reprodutivo”), e variações quanto a isso dependem apenas de restrições culturalmente estabelecidas que pouco ou nada têm a ver com a questão da lógica sintática. Além disso, há a possibilidade de sucessões de elementos preposicionados como constituindo um único Qualificador, como em “Maria comeu um pão de queijo de Minas”. Nesse caso, há um paralelo claro com o uso do hífen para palavras compostas (Ex: sócio-histórico-cultural), formando, por exemplo “Maria comeu pão-queijo-Minas”, que não é uma formulação utilizada, mas é logicamente possível, porque ambas as formulações partem de conceitos simples e os unem, por meio de Merge, para a formulação de um novo conceito formado por prefixos e sufixos, mas que passa a ter comportamento formal de conceito simples semelhante ao que uma palavra única poderia ter.

Já em relação às conjunções, especificamente em casos de orações dentro de orações, a situação é semelhante à das preposições, mas passando por um raciocínio um pouco mais complexo. Isso porque, para que a conjunção seja utilizada para transformar uma oração parte de uma outra oração, é necessário que ela funcione como prefixo para uma sentença completa separadamente elaborada e tomada como um conceito simples. De modo mais claro, deve ser formulada, em separado, uma sentença, como “Maria chorou, hoje, em casa”, tomar essa sentença como um conceito simples, ou proporcional a uma única palavra, e, só então, inserir uma conjunção antes dela e interpretá-la como um Qualificador de Referencial ou de Fenômeno. Por exemplo, “João descobriu que Maria chorou, hoje, em casa”. Nesse caso, “João” é o Referencial, “descobriu” é o Fenômeno,

“que Maria chorou, hoje, em casa” é um Qualificador de Fenômeno, e o Tempo e o Espaço são ocupados por (0).

A segunda reflexão que deve ser feita está relacionada à primeira, por se referir à possibilidade de um conceito complexo, como uma sentença completa, ser tomado como conceito simples, uma palavra qualquer. Essa questão aparenta ser distante da realidade, dependendo de como se olha para ela, mas, se observarmos atentamente, por exemplo, o funcionamento dos pronomes pessoais, vemos que a ideia de interpretação do composto como simples é algo amplamente difundido socialmente, como no trecho “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica”, no qual “Ele” é igual a “um menino que adora gibis da Turma da Mônica”, e não seria absurdo reconfigurar a sentença para “um menino que adora gibis da Turma da Mônica é um menino que adora gibis da Turma da Mônica”, ou, após termos a ideia de “um menino que adora gibis da Turma da Mônica”, para “Ele é ele”, sendo que essas variações trazem implicações semânticas, mas não sintáticas, justamente pela ideia de equivalência mencionada, dado o raciocínio a seguir:

- a) Se, em “X é Y”,
 - a. “X” é igual a “Y”;
 - b. portanto, são válidas as expressões
 - i. “X é X” e
 - ii. “Y é Y”;

- b) em “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica”,
 - a. “Ele” é igual a “um menino que adora gibis da Turma da Mônica”;
 - b. portanto, são válidas as expressões
 - i. “Ele é Ele” e
 - ii. “Um menino que adora gibis da Turma da Mônica é um menino que adora gibis da Turma da Mônica”.

Considerando o pronome demonstrativo “Isso”, vê-se uma situação em que a transformação de conceito complexo em simples é tão clara quanto no raciocínio anterior, porque, em “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica. Isso é indiscutível”, “Isso” equivale a “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica” e se torna Referente do Evento “é indiscutível”:

- c) Em “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica. Isso é indiscutível”,
- a. “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica” é igual a “Isso”,
 - b. portanto, não válidas as expressões
 - i. “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica. Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica é indiscutível” e
 - ii. “Isso. Isso é indiscutível”.

Contudo, em “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica. Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica é indiscutível”, no uso cotidiano, sabe-se que deve haver a substituição do segundo “é” por sua forma nominal, “ser”, formando “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica. Ele ser um menino que adora gibis da Turma da Mônica é indiscutível”, mas, novamente, isso só acontece por questões culturais, e não por exigência lógico-sintática.

Assim, caso os critérios apresentados até então estejam corretos, a expressão “(Nqs+4)!” aparenta tornar-se plausível, considerando o nível sintático da análise, como independente da morfologia. Entretanto, nesse sentido, cabe destacar que, caso fosse levado em consideração o nível morfológico, as permutações continuariam dentro de cada elemento da sentença (Referencial, Fenômeno, Tempo, Espaço e Qualificadores), situação essa que o presente trabalho não pretende abordar, por não contar com fundamentação material e maturidade científica e/ou filosófica suficientes para fazê-lo de modo adequado, e reconhece que não o trabalhar é uma falha relevante, inclusive, podendo ser um ato considerável como forma de fugir de problemas lógicos da linguagem sem que haja a busca por modos de resolvê-los de fato, haja vista que as preposições, elementos tradicionalmente tomados como de interesse da sintaxe, foram tomados como prefixos, morfológicos, e é claro que, com isso, essas preposições poderiam passar a ter a propriedade de se tornarem sufixos, embora isso não aconteça no Português.

Voltando ao cerne da discussão, outra questão que é de imensa relevância para o que se discute é a questão cultural. Como já dito diversas vezes acima, há um entrave para que uma língua assuma todas as suas configurações sintáticas possíveis, e esse obstáculo é a cultura, que, por praticidade e repetição, ao longo do tempo, seleciona algumas formulações em detrimento de outras. A esse respeito, vê-se que, mesmo que uma oração, por exemplo, do Português, possa, a priori, assumir (Nqs+4)! formas sintáticas, em

diversos casos, por conta do desenvolvimento sócio-histórico-cultural pelo qual passou o idioma ao qual a oração pertence, diversas formas não produzirão significados, produzirão significados confusos ou pouco claros, ou produzirão múltiplos significados. Outra possibilidade, também, é que, embora perfeitamente encaixável no uso linguístico, uma dada configuração oracional pode, simplesmente, não ser emitida, sem motivo aparente, e, por consequência, ser amplamente tomada como errada. Isso significa que, ao analisarmos as ocorrências de permutação sintática de um idioma, precisamos nos lembrar de que devem ser devidamente reconhecidas as Impossibilidades Culturais (ICs).

Então, a partir das ideias anteriormente apresentadas, vemos que a quantidade de variações de uma oração são proporcionais ao fatorial do número de Qualificadores apresentados mais quatro menos as impossibilidades culturais, ou “[$(Nqs + 4)! - Nics$]”, e as expressões possíveis são reconhecíveis por “{Referencial + Qualificador de Referencial 1 + Qualificador de Referencial 2 ... + Qualificador de Referencial N + Fenômeno + Qualificador de Fenômeno 1 + Qualificador de Fenômeno 2 ... + Qualificador de Fenômeno N + Tempo + Qualificador de Tempo 1 + Qualificador de Tempo 2 ... + Qualificador de Tempo N + Espaço + Qualificador de Espaço 1 + Qualificador de Espaço 2 ... + Qualificador de Espaço N} \neq Impossibilidades Culturais”.

Quanto à diagramação para análise de sentenças, a situação, levando em consideração a fórmula acima, não se difere do que foi representado pelas figuras 1, 2 e 3, mas essa transformação exige atenção. Isso pois, a configuração em quatro dimensões apresentada nas figuras mencionadas considera, em um primeiro momento, apenas Referente, Evento, Localizador Temporal e Localizador Espacial, mas, para o reaproveitamento de um dado elemento de uma primeira oração em uma segunda oração, é possível que Qualificadores sejam retomados independentemente dos componentes

principais dos elementos funcionais básicos da oração (EFBOs).

Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica, que são mundialmente conhecidos.

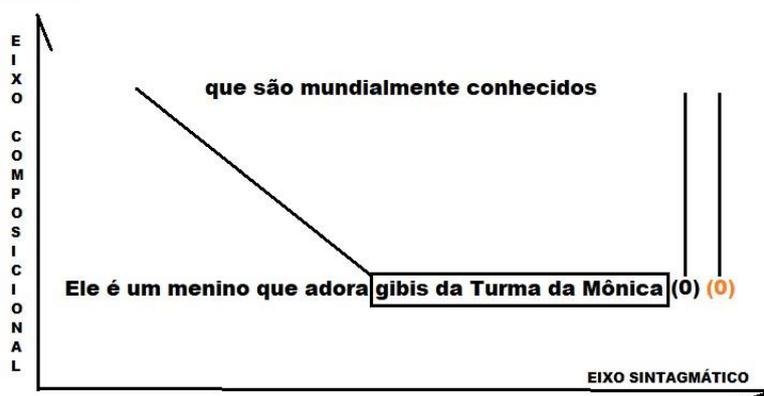


Figura 4

A formulação proposta na figura 4 é possível por conta da diferenciação entre estrutura superficial e estrutura profunda explicada por Chomsky, porque, antes da formulação de “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica (0) (0)”, já havia sido formada a proposição “gibis são da Turma da Mônica (0) (0)”, e, por isso, o que está sendo, de fato, retomado como Referente de “que são mundialmente conhecidas (0) (0)” não é um Qualificador de Fenômeno, mas uma sentença completa, ou seja, dotada dos quatro elementos fundamentais exigidos por uma oração.

Também, são possíveis outras formas de toda uma oração ser retomada como um componente principal de EFBO, como acontece no caso do “Isso” mencionado anteriormente.

Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica. Isso é indiscutível.



Figura 5

Na figura 5, temos uma primeira oração, “Ele é um menino que adora gibis da Turma da Mônica”, que é retomada, em uma segunda oração, como Referente, na forma de um pronome demonstrativo invariável. Nesse caso, os Localizadores Temporal e Espacial também são reaproveitados, e apenas o Evento da segunda oração, “é indiscutível”, é original. Ademais, o “Isso” poderia ser ocultado por um (0), e esse movimento não tornaria menos clara a retomada feita.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente texto, buscou-se discutir uma metodologia de análise sintática de orientação gerativista, mas com alguns aspectos diferentes do que foi proposto pela teoria gerativa, a fim de identificar quais e quantas seriam as variações sintáticas presentes no Português, mais especificamente, à variação padrão brasileira. Durante esse processo, houve uma reflexão sobre os elementos básicos que compõem a oração, apresentando possibilidades de alternativas às formulações tradicionais, como sujeito e predicado, e a possibilidade de orações sem sujeito, e tomando como pressuposto que toda oração deve contar com um acontecimento (Evento) dinâmico ou estático, um elemento que indique o ponto de vista através do qual o acontecimento é observado e comunicado (Referente), algo que localize o acontecimento no tempo (Localizador Temporal) e algo que localize o acontecimento no espaço (Localizador Espacial), todos esses quatro elementos compostos por elemento principal e qualificadores. Além disso, houve a tentativa de estabelecimento de uma visão sobre a oração em quatro dimensões, na qual os elementos funcionais básicos da oração teriam muitas de suas propriedades explicitadas por seu posicionamento espaço-temporal em uma forma de hipercubo, na intenção de mapear, organizar e legitimar a hipótese dos quatro elementos funcionais básicos mencionada.

Com isso, não houve resultados categóricos, até pelo estado inicial em que a abordagem tomada no presente texto se encontra, mas vimos que, caso a lógica que guia o este texto esteja correta, uma oração pertencente à Língua Portuguesa Brasileira, contando apenas com aspectos sintáticos, possui um número de variações igual ao fatorial do número de Qualificadores que a oração analisada possui mais quatro, por conta dos quatro elementos funcionais básicos da oração propostos por Silva e Pardini (2020b), e subtraindo as

variações impossíveis culturalmente, o que resultaria na resolução da fórmula $[(Nq + 4)! - Nics]$, e que a forma como apareceriam essas variações se daria por meio das permutações da estrutura “{Referencial + Qualificador de Referencial 1 + Qualificador de Referencial 2 ... + Qualificador de Referencial N + Fenômeno + Qualificador de Fenômeno 1 + Qualificador de Fenômeno 2 ... + Qualificador de Fenômeno N + Tempo + Qualificador de Tempo 1 + Qualificador de Tempo 2 ... + Qualificador de Tempo N + Espaço + Qualificador de Espaço 1 + Qualificador de Espaço 2 ... + Qualificador de Espaço N} ≠ Impossibilidades Culturais”.

Entretanto, deixa-se claro que diversos aspectos sintáticos, morfológicos, semânticos e culturais não foram levados em consideração pelo presente texto, porque ainda não foram alcançadas, pelo autor deste trabalho, ferramentas lógicas e práticas para que fosse possível tal aprofundamento. Com isso, ficam claras as limitações teóricas e práticas trabalhadas, limitações estas que serão progressivamente acrescentadas e abordadas por estudos futuros.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERWICK, Robert C.; CHOMSKY, Noam. **Por que apenas nós?** Linguagem e evolução. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CHOMSKY, Noam. **Arquitetura da linguagem.** Bauru, SP: Edusc, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHOMSKY, Noam. **O Programa Minimalista.** Lisboa: Caminho, 1999.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem.** São Paulo: JSN Editora, 2009.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program.** Cambridge: The MIT Press, 2014.

KENEDY, Eduardo. **Curso Básico de Linguística Gerativa.** São Paulo: Editora Contexto, 2013.

KAKU, Michio. **Hiperespaço:** Uma odisséia científica através de universos paralelos, empenamentos do tempo e a décima dimensão. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2000

SILVA, Carlos Vinícius; PARDINI, Gisela Márcia Miarelli. “Considerações a respeito da dimensionalidade geométrica da sintaxe em relação à linguística computacional”. **Sítio Novo**, Palmas, v. 4., n. 3., p. 132-142, jun./set., 2020. Disponível em: <<https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/581/212>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SILVA, Carlos Vinícius; PARDINI, Gisela Márcia Miarelli. “Uma proposta de reconstrução do conceito, dos componentes funcionais básicos e do método de análise da oração”. **Pensar Acadêmico**, Manhuaçu, v. 18, n. 3, p. 713-734, set./dez., 2020. Disponível em: <<http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/1788/1506>>. Acesso em: 12 dez. 2020.